



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Câmpus Inhumas
Departamento de Áreas Acadêmicas
Especialização em Docência na Educação Básica e Profissional

Cláudia de Souza Abdalla

**A FORMAÇÃO, OS DESAFIOS, OS SABERES E AS
COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NA
CONTEMPORANEIDADE.**

Inhumas/2021

A FORMAÇÃO, OS DESAFIOS, OS SABERES E AS COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NA COMTEMPORANEIDADE.

ABDALLA, Cláudia Souza¹

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Básica e Profissional do Instituto Federal de Goiás – Campus Inhumas, como requisito parcial para conclusão do curso, sob orientação do professor Doutor Juscelino Polonial.

Inhumas/2021

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (2007); Especialista em Educação Infantil pela Gama Filho (2010), Professora na Secretaria Municipal de Educação de Inhumas e Goianira. Mestranda 3º período do programa de Mestrado em Educação pela FacMais- Faculdade de Inhumas.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Câmpus Inhumas – Biblioteca Atena

A135	<p>Abdalla, Cláudia de Souza</p> <p>A formação, os desafios, os saberes e as competências do professor alfabetizador na contemporaneidade [Manuscrito]. / Cláudia de Souza Abdalla. – Inhumas: IFG, 2021.</p> <p>28 f.</p> <p>Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Prof. Dr. Juscelino Martins Polonial</p> <p>Trabalho de conclusão de curso de Especialização em Docência na Educação Básica e Profissional – IFG/Câmpus Inhumas, 2021.</p> <p>1. Professor alfabetizador – Formação. 2. Alfabetização – Teoria e prática. 3. Saberes docentes. 4. Polonial. Juscelino Martins. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.1</p>
------	---

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Maria Aparecida Rodrigues de Souza
CRB/1-1497

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input checked="" type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Cláudia de Souza Abdalla

Matrícula: 20191030170019

Título do Trabalho: A FORMAÇÃO, OS DESAFIOS, OS SABERES E AS COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NA CONTEMPORANEIDADE.

Autorização - Marque uma das opções

1. Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ___/___/____ (Embargo);
3. Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- O documento está sujeito a registro de patente.
 O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
 Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS INHUMAS

ATA Nº 01/ 2021

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dezoito dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e um, às dezoito horas, no Instituto Federal de Goiás, Câmpus Inhumas, nesta seção realizada por web conferência na sala meet.google.com/etp-twrbr-rqq, situado à Avenida Universitária, Setor Vale das Goiabeiras, da cidade de Inhumas, Estado de Goiás, foi realizada a sessão pública de apresentação e defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da Pós Graduanda Cláudia de Souza Abdalla (matrícula 20191030170019) do curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Docência na Educação Básica e Profissional, no segundo semestre do ano de dois mil e vinte. A banca foi composta pelos seguintes membros: Dr. Juscelino Martins Polonial (IFG – Câmpus Inhumas); Prof. Dr. Renato Araújo Teixeira (IFG – Câmpus Inhumas); Prof. Me. Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos (IFG – Câmpus Inhumas), sob a presidência do primeiro. O trabalho de conclusão de curso tem como título “**A formação, os desafios, os saberes e as competências do professor alfabetizador na contemporaneidade**”, sob orientação do Prof. Dr. Juscelino Martins Polonial (IFG – Câmpus Inhumas). Após a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso, tendo sido a autora arguida pela Banca Examinadora, a deliberação foi pela **Aprovação** do trabalho.

Encerra-se a presente sessão às 19 horas e 20 minutos. Eu, Prof. Dr. Juscelino Martins Polonial, dato e assino a presente ata que segue assinada por todos os membros da Banca e pela pós-graduanda.

Prof. Dr. Juscelino Martins Polonial

Prof. Dr. Renato Araújo Teixeira

Prof. Me. Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos

Cláudia de Souza Abdalla
(Pós - Graduanda)

Documento assinado eletronicamente por:

- **Cláudia de Souza Abdalla, CLÁUDIA DE SOUZA ABDALLA - ESTUDANTE - IFG - CÂMPUS INHUMAS (10870883000497)**, em 24/02/2021 09:58:41.
- **Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 19/02/2021 19:59:41.
- **Renato Araujo Teixeira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 19/02/2021 10:10:15.
- **Juscelino Martins Polonai, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 19/02/2021 10:00:15.

Este documento foi emitido pelo SIAPE em 17/02/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 131492

Código de Autenticação: e70abf478



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Av. Universitária, S/Nº, Vale das Goiabeiras, INHUMAS / GO, CEP 75402-556
(62) 3514-9516 (ramal: 9516), (62) 3514-9517 (ramal: 9517)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar quais os saberes e competências são necessários para atuação do professor alfabetizador e as principais dificuldades em associar a teoria à prática docente. Trata-se de um estudo teórico, de cunho bibliográfico, que evidencia a dificuldade do professor em associar seus conhecimentos teóricos à sua prática no processo de alfabetização. O estudo foi organizado em tópicos por meio dos quais observou-se: primeiro, a formação inicial do professor; em seguida, o processo de alfabetização na perspectiva do letramento; terceiro, quais os saberes e competências necessários para a atuação do professor alfabetizador no processo de alfabetização; e, por fim, os desafios para associar a teoria e prática no processo de alfabetização a fim de buscar alternativas para práticas pedagógicas com vistas a alcançar um melhor resultado no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Professor. Alfabetização. Saberes. Competências. Teoria. Prática.

ABSTRACT: This work aims to identify and analyze what knowledge and skills are necessary for the literacy teacher to act and the main difficulties in associating theory with teaching practice. This is a theoretical study, of a bibliographic nature, which shows the difficulty of the teacher in associating his theoretical knowledge to his practice in the literacy process. The study was organized into topics through which it was observed: first, the initial teacher training; then, the literacy process from the perspective of literacy; what knowledge and skills are necessary for the literacy teacher to act in the literacy process; and, finally, the challenges of associating theory and practice in the literacy process in order to seek alternatives for pedagogical practices in order to achieve a better result in the teaching-learning process.

Introdução

Diante as novas exigências e normativas educacionais, em que as crianças devem ser alfabetizadas até o segundo ano do Ensino Fundamental, faz se necessário compreender como os profissionais que atuarão na Educação Básica, principalmente no ciclo de alfabetização, são preparados para exercer sua função no âmbito escolar. Sendo assim, essa pesquisa foi desenvolvida durante a Especialização em Docência na Educação Básica e Profissional pelo IF- Campus Inhumas e se justifica socialmente e cientificamente por apresentar a comunidade local e regional suportes teóricos para evidenciar a importância da formação de professores que associe teoria e prática, preparando, assim, os futuros educadores para o exercício da sua função no ambiente escolar, visando o desenvolvimento integral da criança. O intuito é proporcionar aos interessados um estudo que possa contribuir para sua prática profissional.

O Projeto propôs pesquisar como se dá a formação inicial dos professores alfabetizadores e analisar se esses recebem em sua formação inicial os conhecimentos teóricos necessários para fundamentarem sua prática no processo de alfabetização na perspectiva do letramento. Verificando quais são os saberes e competências que os professores necessitam para superar os desafios em associar teoria à prática pedagógica e assim serem capazes de exercer com excelência seu papel de professor alfabetizador.

Utilizamos a pesquisa bibliográfica, que segundo GIL (2002, p.44) “...é desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos”. A fundamentação teórica pautou-se em: Ferreiro (1999) Soares (2006), Saviani (2011), Perrenoud (2007), Morin (2011), Freire (2012), Tardif (2012) Tfouni (2010) entre outros.

Ao analisar a educação contemporânea, verifica -se que ela é pautada na questão do desenvolvimento cognitivo e afetivo. Isto porque, compreende-se que a educação escolar objetiva a apropriação dos saberes produzidos e acumulados pela humanidade ao longo da história. Nesse sentido, observar-se a necessidade de pesquisas sobre os saberes e competências para uma prática educativa que seja eficiente no desenvolvimento cognitivo dos educandos. Assim, dadas as transformações pelas quais a sociedade passa, consideramos que é preciso buscar

formas para a superação dos desafios, repensando e reinventando a prática pedagógica e, no caso específico deste estudo, com um olhar voltado ao processo de alfabetização. Ferreiro (2011, p.33) descreve:

Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e objeto dessa aprendizagem. São provavelmente essas práticas (mais do que métodos em si) que têm efeitos duráveis a longo prazo, no domínio da língua escrita como em todos os outros.

Nos últimos anos, a questão dos saberes e competências para a atuação do professor alfabetizador em sala de aula tem sido objeto de inúmeras pesquisas. Esses estudos, buscam compreender como se dá a formação desse profissional e, principalmente, como este consegue atuar numa perspectiva que alie teoria e prática no cotidiano escolar. Sendo assim, nesta pesquisa de caráter bibliográfico, pontuamos como objetivo: identificar e analisar quais os saberes e competências são necessários para atuação do professor alfabetizador e as principais dificuldades em associar a teoria à prática docente. E nos orientamos pelo seguinte problema: é possível superar essas dificuldades?

Sobre este assunto, Libâneo & Alves (2012, p. 470) esclarecem que:

Reconhecer que a atividade principal do professor é a promoção da aprendizagem dos estudantes não significa afirmar que lhe basta uma formação meramente técnica, circunscrita à ação em sala de aula. Para que ele possa tomar consciência da sua própria ação, deve dominar as bases teóricas nas quais ela está assentada. Para que tenha condições de refletir, analisar e planejar sua ação na perspectiva que deseja, precisa compreender e diferenciar os diversos caminhos que são acenados para a educação escolar, o que somente é possível quando ele domina os instrumentos teóricos que lhe são oferecidos pelos estudos dos fundamentos da educação, das políticas educacionais e das teorias de ensino. Esses conhecimentos são tão essenciais quanto o saber fazer, pois permitem que o professor se situe teoricamente na perspectiva que assume e possa reconhecer as contradições e inconsistência do sistema educacional, na medida em que compreende o papel da escola, dadas as condições sociais, políticas, econômicas, quanto o seu próprio papel na escola.

Consideramos importante ressaltar que, para que a alfabetização aconteça, o professor necessita ter segurança e compreensão em relação às dificuldades relacionadas a este processo. Portanto, precisa entender que não basta ter vasto

conhecimento teórico, nem tampouco muita prática, é necessário saber aliar os conhecimentos no sentido de conduzir os alunos por meio da ação–reflexão–ação, desenvolvendo estratégias que levem a criança a apropriar-se do sistema de escrita. E, nesse sentido, para um ensino consistente na alfabetização, o conhecimento teórico do professor é fundamental, pois é este conhecimento que sustentará sua prática pedagógica.

Conforme Vygotsky, “ensinar uma criança o que ela não é capaz de aprender é tão estéril quanto ensiná-la a fazer o que já faz sozinha” (2000, p. 337). As considerações do autor apontam para a necessidade de direcionamento do adulto no processo de aprendizagem da criança. O autor entende que há ações que o aluno consegue desenvolver sozinho, mas que, para aperfeiçoar, é preciso o movimento de ensinar.

Nesse caso, podemos considerar a questão da língua materna que, conforme Soares (2006), quando chega na escola, a criança já conhece, mas precisa aprender a sistematizar, tendo em vista que vivemos sob uma perspectiva de comunicação social que envolve o sistema de escrita. As reflexões desta autora sobre alfabetização, mostram que, a simples transmissão de informações, o desenhar das letras ou decodificação dos sons, não faz com que a criança seja alfabetizada, que domine o sistema de leitura e escrita. Para que haja uma prática pedagógica de qualidade, faz-se necessário a reflexão permanente dos envolvidos no processo e, sobretudo, que a prática docente seja repensada à luz das teorias de ensino aprendizagem. E, para que isso seja possível, consideramos neste estudo a importância da formação do professor.

De acordo com Magnani (1997), a formação do professor precisa acontecer como um processo discursivo, em que os futuros professores possam compreender as teorias e conceitos mais adequados, para, assim, elaborar as suas próprias concepções e propostas de trabalho.

O professor alfabetizador é um profissional que tem em suas mãos a responsabilidade de iniciar a formação de novos leitores e escritores. Suas ações devem permitir aos alunos, além da aprendizagem do sistema alfabético de escrita, a preparação para o exercício da cidadania. Partindo dessa análise, cabe ao professor fazer uma reflexão das relações entre a epistemologia e a prática pedagógica para compreender qual seu papel na formação dos seus alunos.

Desta forma, cabe-nos refletir sobre o fato de que vivemos em uma sociedade letrada, na qual as crianças têm contato com o mundo da leitura e escrita desde cedo, porém essa mesma sociedade letrada está carente de cidadãos que sabem ler, escrever, interpretar, sociabilizar e, principalmente, que lutem pelos seus direitos, exercendo - com consciência - seus deveres.

Partimos das reflexões de Soares (2006) em relação à questão de que o simples ato de alfabetizar já não é suficiente para nossos alunos, pois se faz necessário o uso da leitura e escrita como um facilitador para uma vida digna em sociedade e, também, um instrumento de esclarecimento e conscientização do papel do aluno como ser social. Para tanto, a autora enfatiza que o ato de usar a leitura e escrita nas práticas sociais é chamado de letramento. Assim, é fundamental que todos recebam uma educação de qualidade capaz de ir além do simples decodificar das letras para uma aprendizagem significativa, o letramento.

Com efeito, Alfabetização, segundo Magda Soares (2006) é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever. É o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades para utilizá-lo ou seja: o domínio das tecnologias e, técnicas para exercer a arte e ciência da escrita.

Sendo assim, Ferreiro (1999) e Soares (2006) apresentam a necessidade de se transpor os conceitos estabelecidos sobre a alfabetização, e assim, considerá-la como a relação entre os educandos e o mundo, sua prática social, pois este está em constante processo de transformação. Nessa perspectiva, a alfabetização não é simplesmente reconhecer as letras e fazer a associação entre grafema e fonema. Decodificar as letras e seus sons já não é o suficiente, pois hoje é fundamental que a criança seja alfabetizada na perspectiva do letramento.

Estar alfabetizado na perspectiva do letramento significa ser capaz de interagir por meio de textos escritos em diferentes situações. Ler e produzir textos para atender a diferentes propósitos. A criança alfabetizada compreende o sistema alfabético de escrita, sendo capaz de ler e escrever, com autonomia, textos de circulação social que tratem de temáticas familiares a ela. Trata-se, ainda, de ser capaz de compreender igualmente princípios básicos de outras linguagens como a matemática, as artes e ciências na sua totalidade. Se a criança lê e compreende o que leu e é capaz de fazer o uso da leitura e escrita no seu dia a dia, temos a compreensão que realmente houve a alfabetização na perspectiva do letramento.

Portanto, hoje já não cabe ao professor alfabetizador somente ensinar as letras e os sons, mas sim preparar a criança para usar a leitura e escrita na sociedade e exercer seu papel de cidadão.

Nesse sentido, para atender o objetivo deste estudo, organizamos este texto em tópicos por meio dos quais analisamos: primeiro, a formação inicial do professor, seus anseios e desafios, esclarecendo sobre a necessidade de formação continuada; em seguida, refletimos sobre o processo de alfabetização na perspectiva do letramento; quais os saberes e competências necessários para a atuação do professor alfabetizador no processo de alfabetização na perspectiva do letramento; e, por fim, analisamos quais os desafios para associar a teoria e prática no processo de alfabetização a fim de buscar alternativas para práticas pedagógicas com vistas a alcançar um melhor resultado no processo de ensino aprendizagem.

Formação de Professores

Vivemos momentos de incertezas e transformações em vários segmentos da vida humana. É a sociedade líquida, porém, ainda sob domínio do capital, como afirma Bauman (2001). Trata-se de um momento em que a produtividade, competição e o ter, tem mais valor que a vida em sociedade e o bem comum. Valemos mais pelo ter do que pelo ser, como reforça Fromm (1976) e essa condição desumanizadora das pessoas, coloca em risco a própria sobrevivência do ser humano na terra, como afirma Mészáros (2008).

A educação seria então o caminho para uma transformação ou conformação social? Mészáros vê as suas possibilidades (2008). O ambiente escolar seria o espaço apropriado para a formação de cidadãos críticos, reflexivos, capazes de viver em sociedade? Iniciamos nossas reflexões sobre a formação de professores a partir desses questionamentos, entendendo que é importante associar a educação à mudança social, ou poderemos caminhar para o caos social. Nesse caso, a educação só seria relevante se pensasse para além das relações materiais, como aponta Mészáros (2008), e pensasse uma alternativa para construção de uma sociedade mais solidária, não possível no regime do capital.

Pensar na educação como o principal meio de transformação da atual sociedade, pressupõe pensar no professor como agente ativo na sociedade e na formação do pensamento humano. Sendo assim, é necessário refletir sobre a importância da figura do professor, os saberes que embasam sua prática educativa e sua capacidade de ensinar com competência. Sobre esse assunto Mészáros (2008, p.55) corrobora alertando: “Temos que reivindicar uma educação plena para toda a vida, para que seja possível colocar em perspectiva a sua parte formal, a fim de instruir, também aí, uma reforma radical”

Pensar em educação, pressupõe pensar em formação docente, desenvolvimento de competências e saberes necessários para uma prática pedagógica transformadora e de qualidade.

Mas o que entendemos por formação docente?

O dicionário traz a seguinte definição para a palavra formação: “formação: substantivo feminino. 1. ato, efeito ou modo de formar, constituir (algo); 2. Maneira pela qual uma pessoa é criada ou educada; o que lhe molda o caráter, a personalidade”².

A formação inicial para os professores é essencial para que este possa desenvolver seu trabalho com qualidade. Dito isso, sabemos que o professor é apontado como protagonista em todo o processo de ensino aprendizagem, e principalmente, como principal culpado quando acontece o fracasso escolar. Desse modo, se faz necessário refletir sobre a função da formação inicial do professor. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases (LDB/9394/96):

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (BRASIL, 1996).

A formação inicial em nível superior proposta pela lei, é fundamental e essencial para a construção da identidade profissional do professor, uma vez que o conhecimento adquirido no curso de Pedagogia o habilita para uma atuação mais competente e segura em sala de aula. Entretanto, não se pode afirmar que essa

² Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/informa%C3%A7%C3%A3o-forma%C3%A7%C3%A3o-prof-paulo-tomazinho0>

formação inicial, por si só, é garantia de uma atuação de qualidade. Isto porque, conforme Charlot (2005), muitas vezes, os cursos universitários oferecem um amontoado de conteúdo sem se preocupar com a qualidade e capacidade de absorção destes por parte dos graduandos:

O problema é, finalmente, que, para ajudar os professores a enfrentar as novas situações de ensino, oferece-se a eles uma formação de tipo universitário em que predomina o acúmulo de conteúdos disciplinares. Esses não são inúteis (não há uma boa pedagogia sem um bom conhecimento dos conteúdos ensinados), mas não se vê realmente em que eles permitem aos professores resolver os problemas com os quais são confrontados. O que se deve fazer? É evidente que não sei: se tivesse a solução, já teria dito, e isso se saberia. Mas penso que estamos vivendo um conjunto de mutações que transformam não somente nossas sociedades, mas também as formas de ser homem/mulher e de ser sujeito (CHARLOT, 2005, p.86).

As considerações do autor nos levam a uma reflexão sobre a questão de que a formação inicial, mesmo em nível superior, não é suficiente para o desenvolvimento profissional, fazendo-se necessário a formação continuada, pois é no “chão da escola”, com o outro, por meio dos erros e acertos, das trocas de experiência, das vivências culturais que o professor se forma e se torna capaz de atuar como pedagogo e conduzir seus alunos a vivenciar situações de aprendizado.

Sobre esse assunto, Saviani (1985) contribui para compreendermos a função do pedagogo:

[...] a pedagogia significa também condução à cultura, isto é, processo de formação cultural. E pedagogo é aquele que possibilita o acesso à cultura, organizando o processo de formação cultural. É, pois, aquele que domina as formas, os procedimentos, os métodos através dos quais se chega ao domínio do patrimônio cultural acumulado pela humanidade. E como o homem só se constitui como tal na medida em que se destaca da natureza e ingressa no mundo da cultura, eis como a formação cultural vem a coincidir com a formação humana, convertendo-se o pedagogo, por sua vez, em formador de homens (SAVIANI, 1985, p.27).

As considerações do autor mostram a importância dos professores como agentes ativos na formação de homens. Pessoas que, além de ler e escrever, são capazes de conviver em sociedade e, também, são ativos na construção da sua

própria prática, essa prática se dá na interação com o outro, nas relações humanas, pois o ambiente escolar é social e cultural.

É preciso, também uma formação continuada e ao longo da vida, como afirma Mészáros (2008), ao citar Pacacelso, isso para todos os trabalhadores, muito mais ainda para o professor.

De fato, A teoria do desenvolvimento intelectual de Vygotsky (1991) sustenta que todo conhecimento é construído socialmente, no âmbito das relações humanas. Para o autor, o conhecimento que permite o desenvolvimento mental se dá na relação com o outro. Sendo assim, a formação continuada na qual o professor pode aprender e ensinar por meio da troca de experiências fortalece e enriquece seu aprendizado. Sobre esse assunto, Nóvoa (1997, p. 26) afirma que “a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar simultaneamente, o papel de formador e de formando”.

A formação continuada dos professores contribui para a melhoria da prática docente. A este respeito destacamos a compreensão de Almeida; Soares (2010, p.58) sobre a importância da formação continuada dos professores:

Com relação ao processo de formação continuada ou qualificação em serviço do professor, enfatizamos a possibilidade desta se realizar no âmbito da própria escola, ressaltando a dimensão formativa da prática docente. A importância da formação continuada articula-se à compreensão da natureza do trabalho docente relacionada à questão do conhecimento. O trabalho do professor insere-se no âmbito da produção e socialização do saber, do conhecimento produzido historicamente e coletivamente pelos seres humanos na medida em que estes produzem as condições materiais da sua existência (moradia, alimentação, vestuário etc.). Neste sentido, o professor necessita estar constantemente estudando e a formação continuada, compreendida na perspectiva da atualização histórico-cultural é condição implícita para que a função social da escola se realize garantindo a efetivação do processo ensino-aprendizagem.

Os autores mostram que a formação continuada é fundamental para o bom desempenho do professor. Este deve estar em constante busca por novos conhecimentos associando os saberes adquiridos na sua formação inicial com os que são adquiridos no âmbito escolar durante sua prática pedagógica. Outro aspecto

interessante a ser considerado quando se fala no processo formativo do professor alfabetizador, diz respeito à sua formação continuada, uma vez que:

[...] para se tornar um professor alfabetizador a formação inicial por si só não se faz suficiente; é preciso oportunizar (através de formação contínua) saberes necessários ao profissional para que este sinta segurança ao lecionar e possa de fato contribuir com o processo de ensino-aprendizagem. Vale lembrar que o tempo na docência também se configura num dos elementos indispensáveis para o exercício da profissão, uma vez que a prática pode ser (re)apropriada conforme os diferentes contextos em que o professor atua (CARVALHO, 2014, p. 102)

Diante disso, é necessário entendermos que uma boa formação inicial é indispensável para a construção de um profissional de qualidade. Essa formação deve estar além da transmissão de informações, possibilitando aos futuros professores momentos de pesquisa para adquirirem conhecimentos teóricos, rompendo também o distanciamento entre a formação acadêmica e a prática docente nas unidades escolares. Isto porque, consideramos que é apenas na ação – reflexão e ação, que o professor constrói sua identidade profissional, e é no dia a dia, no fazer e refazer, no individual e coletivo, na relação entre teoria e prática, na busca constante por novos conhecimentos, na troca de experiência, que se adquire as competências necessárias para a promoção de uma educação de qualidade.

Alfabetização na perspectiva do letramento

Antes do início da discussão sobre como alfabetizar na perspectiva do letramento, vamos conceituar o que é alfabetização e letramento.

Sabemos que a língua escrita é um sistema de relações, com dois processos; ler e escrever. Portanto, alfabetizar, segundo Soares (2006), é a ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, codificar e decodificar o sistema alfabético, reconhecer que cada letra tem seu traçado e seu som. Codificar (criar um código, a

própria escrita); decodificar (processo no qual o leitor transforma as letras em sons oralizados).

Silva (2007) considera alfabetizada “[...] a pessoa que aprendeu a operar com o sistema da escrita”, enunciando sequências escritas, “[...] mesmo que pequenas frases ou listas isoladas de palavras”, além de escrever palavras, frases e fazer cálculos, ainda que estas ações desrespeitem o “padrão ortográfico”. O autor acrescenta que:

A pessoa alfabetizada é capaz de reconhecer a relação entre símbolo escrito e as formas faladas; a acepção atual de alfabetismo, ser alfabetizado é, portanto, mais que simplesmente ser capaz de ler e escrever o próprio nome e de reconhecer símbolos isolados como se fossem desenhos (SILVA, 2007, p. 25).

As reflexões desse autor sobre a história da alfabetização no Brasil mostram que o conceito de alfabetização tem se modificado com o passar do tempo, tendo em vista que, no início do século XIX, era considerada alfabetizada a pessoa que sabia apenas escrever seu próprio nome. Em meados de 1940, era considerado alfabetizado quem conseguisse ler e escrever, por exemplo, um simples bilhete. Silva (2007, p. 20), cita pesquisa realizada pela UNESCO e esclarece que, por volta de 1958, “[...] alfabetizada seria a pessoa capaz de ler e escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana”.

De acordo com Soares (2006), as primeiras ocorrências do termo letramento foram das autoras Mary Kato no livro de sua autoria intitulado *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. Outra autora que esclareceu sobre o surgimento desse termo foi Ângela Kleiman (2008) no livro *Os significados do letramento*. Essas autoras conceituam como letramento a apropriação da leitura e escrita pelos sujeitos e sua utilização nas práticas sociais.

Tfouni (2010), afirma que a alfabetização e o letramento são indissolúveis, embora, por vezes, sejam tratados separadamente pelos estudiosos. Desta forma, a alfabetização e o letramento são ações distintas, porém que se completam no processo de aprendizagem. Isto porque, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino da linguagem deve abordar três aspectos fundamentais: leitura, interpretação e escrita. Desta forma, é importante considerar que já não faz

sentido o simples ensinar do traçado das letras e seus sons, sem que haja uma aprendizagem significativa para as crianças.

A atual sociedade é letrada, na qual a comunicação ocorre por meio da leitura e escrita. Sendo assim, letrar é tornar a criança capaz de usar a leitura e escrita no seu dia a dia. E, nesse sentido, é importante alfabetizar letrando para que a criança faça uso da leitura e escrita no contexto cultural da sociedade. Para tanto, considera que a ação dos professores é essencial no processo de ensino-aprendizagem na perspectiva do letramento, pois eles são agentes facilitadores ao incentivar e guiar a criança ao longo de sua vida escolar. Sobre esse assunto, Soares (2003, p. 16) afirma que “[...] a alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ser diluída no processo de letramento”. Além disso, segundo a autora, “o letramento é o processo de (...) apropriação da cultura escrita fazendo um uso real da leitura e da escrita como práticas sociais” (p. 24).

Sobre o assunto, Smolka (1988) esclarece que:

Se alfabetizar significa ensinar à criança a tecnologia da leitura e escrita, letrar significa levá-la ao uso desta técnica nas práticas sociais. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever, uma criança letrada (...) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros textuais, em diferentes contextos e circunstâncias. Alfabetizar, letrando, significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita (p. 38).

Assim, a alfabetização na perspectiva do letramento leva em consideração as práticas sociais de leitura e escrita e as funções de cada gênero textual. Cada texto ou gênero textual tem sua função e características próprias e é nesse sentido que a criança precisa ser orientada. Não é interessante o ensinar por ensinar, ler por ler, com atividades sem significado para as crianças. Cabe ao professor criar oportunidades para que o uso da linguagem se faça na interação com o meio social. Smolka (1988) escreve sobre a construção do conhecimento por meio das interações:

[...] usar, fazer funcionar a escrita como interação e interlocução na sala de aula, experienciando a linguagem nas suas várias possibilidades. No movimento das interações sociais e nos

momentos das interlocuções, a linguagem se cria, se transforma, se constrói, como conhecimento humano (p. 45).

O letramento, portanto, seria um conjunto de situações e práticas sociais em que a leitura e a escrita se fazem presentes nos mais diversos espaços da vida cotidiana. Soares (p.106) corrobora desse entendimento quando defende que:

[...] eventos e práticas de letramento surgem em circunstâncias da vida social ou profissional, respondem a necessidades ou interesses pessoais ou grupais, são vividos e interpretados de forma natural, até mesmo espontânea; na escola, eventos e práticas de letramento são planejados e instituídos, selecionados por critérios pedagógicos, com objetivos predeterminados, visando à aprendizagem e quase sempre conduzindo a atividades de avaliação.

A autora acrescenta que nem sempre o sujeito alfabetizado é letrado, tendo em vista que alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, decodificar e codificar sinais gráficos; e, letrado, é o sujeito que vive em estado de letramento, que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. Porém, se faz necessário compreender as especificidades e as proximidades dos processos de alfabetização e de letramento, entendendo-os como partes de um mesmo processo no qual o intuito é apropriar-se de mecanismos de comunicação social:

Porque alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos e sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele (SOARES, 2003, p. 90).

Desse modo, não é correto afirmar que o sujeito alfabetizado é necessariamente letrado, pois muitas vezes o ato de ler e escrever não dá condições ao sujeito para fazer uso da leitura e escrita nos diversos contextos sociais.

Sendo assim, o sujeito pode estar letrado para determinados contextos e iletrado para outros, pois “[...] à medida que as condições sociais e econômicas

mudam aqueles classificados como alfabetizados ou letrados em determinado momento podem não ser em outro” (SOARES, 2004, p. 90). Fica evidente, então, que o conceito de letramento é variável, pois “[...] as atividades sociais que envolvem a língua escrita dependem da natureza e estrutura da sociedade e dependem do projeto que cada grupo político pretende implementar, elas variam no tempo e no espaço” (SOARES, 2004, p. 78).

Diante disso, consideramos fundamental a construção de saberes e competências que possibilitem ao professor a compreensão das práticas de alfabetização na perspectiva do letramento.

Saberes e competências do professor alfabetizador

Para compreendermos quais são os saberes e competências necessários ao professor alfabetizador, valemo-nos, inicialmente, das considerações de Tardif (2002, p.36) acerca do assunto: “O saber dos professores deve ser compreendido em íntima relação com o trabalho deles na escola e na sala de aula”. Trata-se conforme o autor, da construção de práticas pedagógicas que devem estar pautadas e sustentadas teoricamente.

O homem é um ser social que se relaciona com outros homens. É por meio dessas relações que os conhecimentos vão se construindo e, assim, o sujeito constrói sua identidade individual e coletiva. Sendo assim, o saber do professor alfabetizador não pode estar desvinculado da sua função social, pois muito além da leitura e da escrita, ele é o profissional a quem a sociedade confia a tarefa de envolver o educando nas diversas dimensões do ensino: cognitivas, afetivas, éticas, psicomotoras e linguísticas. Desta forma, muito mais do que mediar conhecimentos e a cognição do aluno, o professor promove o desenvolvimento humano, proporcionando um ambiente no qual as crianças devem ser respeitadas na sua individualidade e em seu grupo social.

Sobre esse assunto, Morin (2011) descreve:

Por isso, é necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas culturas singulares __ e por meio delas. Precisamos doravante aprender a ser, a viver, a dividir e a comunicar como humanos do planeta Terra,

não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos. Devemos dedicar-nos não só a dominar, mas a condicionar, a melhorar, a compreender. (MORIN, 2011, P.66)

Sendo assim, mais do que formar leitores, é necessário formar cidadãos que compreende o verdadeiro significado e sociedade, direitos e deveres. Por isso mesmo, o processo de formação do professor alfabetizador é bastante complexo, pois deve capacitar o docente para a o exercício do magistério, prepará-lo para atuar de forma competente as séries iniciais do Ensino Fundamental, quando se inicia o processo de alfabetização, mas também para lidar com todas as contradições humanas. Esse profissional deve dominar os saberes para ministrar uma boa aula, com metodologias diferentes para atender cada criança na sua individualidade, administrar bem a turma, perceber a progressão dos alunos no processo de ensino-aprendizagem e, principalmente, ser capaz de avaliar os alunos e se auto avaliar. Veja o que Tardif (2014, p.11) afirma sobre o assunto:

[...] o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer. Além disso, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com outros atores escolares na escola etc.

A construção dos saberes docentes, tem início quando esse profissional ainda é um aluno, pois todo professor traz consigo lembranças e exemplos dos profissionais que fizeram parte de sua formação. Os professores unem suas experiências enquanto alunos. O estudo das ciências da educação e as vivências no ambiente escolar, as relações com as crianças, colegas de profissão e grupo gestor, tudo colabora na formação dos saberes vão se construindo e possibilitando uma atuação de qualidade como professor alfabetizador, isso em um processo histórico e social ao longo de sua formação e das suas experiências de vida, na perspectiva da formação ao longo de toda uma vida, como defende Mészáros (2008). Sobre isso Sarmiento descreve:

O saber profissional dos professores participa do conhecimento articulado e sistemático fornecido pela aquisição, num processo escolar cada vez mais prolongado e especializado de saberes técnicos práticos de domínio de ciências da educação. Mas, simultaneamente, também participa do conjunto de dispositivos tácitos e inarticulados obtidos de um longo processo de socialização profissional. Ora, na medida em que os professores possuem, desde o início do seu processo escolar, portanto desde a escola primária modelos vivos de exercício da profissão, esse processo de socialização é provavelmente mais longo e mais profundo do que noutros grupos ocupacionais. Na verdade, ele começa muito antes de ser professor, quando a futura profissional ainda é aluna, é proporcionada de forma concreta o que é ser professor e o que é ensinar. Esta imbricação de saberes obtidos pela formação e por um processo prolongado de socialização para sua profissão constitui base cognitiva das divisões cotidianas dos professores, em todas as frentes de sua atuação educativa (1994, p. 56-57).

As considerações da autora nos mostram que o saber docente inclui não apenas o conhecimento adquirido na formação inicial ou construído ao longo da profissão por meio da experiência individual, vivências práticas na escola, mas também os saberes internalizados ao longo de sua própria condição de aluno. Seria então uma transformação dos saberes adquiridos nos processos de socialização (familiar, escolar e universitária).

O espaço escolar, nesse sentido, é o ambiente no qual o professor vai construindo seus saberes, dentro da sua individualidade, na sua sala de aula, com seus alunos. É ainda nesse mesmo ambiente, onde a convivência com outros professores contraria a cultura do individualismo, que se processa os vínculos de amizade com os demais professores, e que traz na troca de experiências, momentos ricos de aprendizagem. Sarmiento esclarece que:

[...] os professores se reservam a si próprios, enquanto indivíduos, a soberania no espaço da sala de aula, nem por isso deixar de considerar como altamente relevante para o seu bem estar e realização profissional a criação de amizade e camaradagens no local de trabalho (1994, p. 59).

Conforme essa autora, o professor precisa de estudo teórico para entender como ocorre o processo de alfabetização, como a criança aprende a codificar e decodificar os sons das letras do nosso alfabeto, as técnicas de ensino, os diversos caminhos para ensinar. É necessário ter o conhecimento para alfabetizar e

principalmente o “saber fazer”, como alfabetizar. “O saber fazer” é uma competência essencial para o professor alfabetizador.

Sobre isso, O Documento do Conselho Nacional de Educação Profissional de Nível Técnico – Parecer CNE-CEB16/99 e Resolução CNE-CEB Nº 04/99, define as competências profissionais necessárias para o desempenho do trabalho docente: capacidade de mobilizar, articular e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessárias para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho.

Philippe Perrenoud em seu livro, *10 novas competências para ensinar*, apresenta um referencial de competências para a prática docente. Para Perrenoud (2008), competência é o saber necessário para alcançar os objetivos. As 10 competências que ele julga prioritárias e coerentes com o novo papel dos professores são:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem. É sabido que não existe salas homogêneas, onde todos os alunos aprendem ao mesmo tempo e da mesma forma. Por isso é essencial que o professor crie situações de aprendizagem, de preferência relacionando os objetos de ensino com o cotidiano dos alunos. Pois assim aprendizagem terá maior significado. E as metodologias devem ser diversificadas para garantir o aprendizado de toda turma.

2. Administrar a progressão das aprendizagens. Conhecer os alunos, saber em qual nível estão, o que já sabem, o que precisam aprender, e assim planejar as aulas é fundamental para a aprendizagem. Então é necessária uma contínua avaliação para acompanhar e administrar a evolução da turma.

3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação. A organização das turmas em série não significa que todos os alunos estão em um mesmo estágio de aprendizagem. Os alunos são diferentes e o aprendizado também acontece de forma e em tempos diferentes. Cabe ao professor compreender essa diferenciação e saber preparar atividades diversas para acompanhar o desenvolvimento de cada aluno.

4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho. O professor já não é mais o centro do aprendizado, o aluno tem que ser envolvido em todo o processo de construção do saber. Pois “ensinar é também estimular o desejo de

saber”. Poder participar de forma ativa das aulas, suscita no aluno o desejo de aprender.

5. Trabalhar em equipe. A escola evolui e essa evolução caminha para a cooperação profissional. Alunos, pais, funcionários, gestores e membros da comunidade devem caminhar juntos, de forma organizada, superando desafios, gerenciando conflitos, em busca de uma educação que aconteça de forma coletiva.

6. Participar da administração da escola. A escola precisa ser viva e democrática. É importante que o professor participe ativamente das decisões referentes à escola, saindo da comodidade e ser engajado nos projetos desenvolvidos, dar sugestões, ajudar à administras os recursos, fazendo o possível para manter a escola organizada.

7. Informar e envolver os pais. Como já falamos antes, parceria entre família e escola é fundamental, porém é fato que muitas vezes os pais não têm conhecimentos referentes ao universo escolar, sendo assim cabe ao professor que tem o conhecimento formalizado orientar aos pais. Os pais devem ser envolvidos em todo o processo e o diálogo com estes precisa ocorrer de forma franca.

8. Utilizar as novas tecnologias. O professor precisa estar sempre se atualizando, conhecer e fazer uso das novas tecnologias e principalmente inserir essas tecnologias nas suas aulas. É necessário que não haja uma resistência por parte do professor ao uso das novas tecnologias. O professor precisa estar aberto a novos aprendizados e fazer uso das tecnologias na sua metodologia de ensino.

9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão. Ser professor não é somente ensinar os conteúdos curriculares, é também educar para a vida, proporcionar meios para que o aprendizado ocorra para a formação humana, desenvolvendo no aluno o senso de justiça, valores, cooperação e responsabilidade. O professor tem que fazer o melhor possível para que o aluno se reconheça como um ser sociável, responsável por sua comunidade.

10. Administrar sua própria formação contínua. Estar em constante formação, em busca de novos conhecimentos é essencial para o bom professor. Esses novos conhecimentos requerem tempo, disposição, interesse e comprometimento. A formação contínua nem sempre está ligada aos títulos de especialista, mestrado ou doutorado. Não adianta ter uma pós-graduação e não fazer uso dos conhecimentos

adquiridos em sua prática, é necessário ler, discutir, trocar experiências com os colegas de profissão.

Somente a formação inicial não é suficiente para que o professor adquira todas essas competências, sendo fundamental a formação continuada, pois a cada momento temos algo novo para aprender e ensinar.

Portanto, a formação continuada é um processo ao longa da vida, nas afirmações de Mészáros (2008). É essa práxis que toma como partida, o saber experiencial dos professores, os problemas e desafios da prática escolar. Nesse contexto, o professor usa sua prática pedagógica como ferramenta para a construção do saber, o que significa a constituição de uma conduta de vida profissional. Essa conduta conduz o processo educativo dos níveis da prática reflexiva e da ciência aplicada.

Desafios em associar a teoria à prática no processo de alfabetização

A relação teoria e prática está sempre presente nos debates acadêmicos, na pesquisa e, também, no cotidiano escolar. Contudo, há diversas narrativas que tentam legitimar a ideia de que a teoria e prática não são equivalentes. Ao nível do senso comum, a prática se constitui na própria experiência, o saber fazer. Por outro lado, a teoria, para o senso comum, é vista como a ideia de abstração, somente leituras desvinculadas da realidade ou da prática.

Resolvemos essa dicotomia com a reflexão de Freire (1998): “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. E qual professor obtém melhor resultado no processo de ensino aprendizagem? O que tem grande conhecimento teórico ou o que apresenta uma boa prática pedagógica?

Por muito tempo o professor foi visto como o dono do saber, difusor de ideias incontestadas, um profissional que deveria apenas repassar conhecimentos aos seus alunos, sem preocupar-se com a prática desenvolvida, nem mesmo se essa, contribuía para o avanço ou retrocesso da aprendizagem dos discentes. Com o passar dos anos, a atuação dos professores passou a ser apontada como uma das principais responsáveis pelos problemas da educação e pelo fracasso escolar, sendo o professor visto como protagonista de todo o processo de ensino aprendizagem.

Nessa contradição, nós concordamos com Paulo Freire (1998), que aponta o professor como um dos sujeitos do processo. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”.

Podemos perceber uma busca por mudanças e, conseqüentemente, uma procura por qualidade na formação de professores. Porém, a formação inicial é limitada, pois nesta, ainda há uma grande dificuldade em associar teoria à prática. Há um desequilíbrio, pois se por um lado professores convivem com um academicismo excessivo que não apresenta a realidade escolar, por outro, professores se limitam às suas experiências no dia a dia, sem compreender a importância da constante busca por novos conhecimentos.

Enfatizamos no tópico anterior que a formação do professor não se concretiza apenas no curso específico (Pedagogia), ela se dá também por meio do trabalho que o professor realiza no seu cotidiano em sala de aula, pois é em contato com os alunos que a sua prática adquire sentido e se efetiva. Isto porque, as vivências reais no ambiente escolar são essenciais para a construção dos saberes necessários para um bom desempenho no processo de alfabetização. Sacristán (1998) afirma que a atividade dos professores é uma ação que ocorre dentro de uma instituição e, por este motivo, a prática docente está condicionada pelo contexto. Segundo o autor:

O professor não decide sua ação no vazio, e sim no contexto da realidade e em uma instituição que tem suas normas de funcionamento marcada às vezes pela administração, por uma política curricular, pelos órgãos do governo. A profissão docente não é algo eminentemente pessoal e criativo, sujeito as possibilidades de formação e ao desenvolvimento do pensamento profissional autônomo dos professores. As possibilidades autônomas e competências do professor interagem dialeticamente com as condições da realidade que são dadas ao professor na hora de configurar um determinado tipo de prática. Até a análise social da prática de ensino nos evidencia que ela é uma prática institucionalizada, definida historicamente por condicionamentos políticos, social etc. (SACRISTÁN, 1998, p.186).

Sendo assim, fica evidenciado que há uma prática institucionalizada, política e social, por mais que os professores tenham embutidos em seus trabalhos suas teorias e práticas. As práticas dos professores também são claramente influenciadas

pelo contexto em que estão inseridas. Regras, regulações, currículos, documentos, exercem grande influência nas ações dos professores e, por vezes, limitam a sua liberdade para agir segundo suas próprias teorias práticas. As ações práticas dos professores incluem não somente o conhecimento adquirido no curso de formação inicial ou mesmo sua experiência pessoal e profissional, mas também o contexto em que esses professores estão inseridos. Sobre esse assunto, Freire esclarece:

Mas se nunca idealizei a prática educativa, se em tempo algum vi como algo que, pelo menos, parecesse com um que-fazer de anjos, jamais foi fraca em mim a certeza de que vale a pena lutar contra os descaminhos que nos obstaculizam de ser mais. Naturalmente, o que é maneira permanente me ajudou a manter esta certeza foi a compreensão da História como possibilidade e não como determinismo, de que decorre necessariamente a importância do papel da subjetividade na História, a capacidade de comparar, de analisar, de avaliar, de decidir, de romper e por isso tudo, a importância da ética e da política. É esta a percepção do homem e da mulher como seres “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos (1998, p.145).

Nesse aspecto, é relevante afirmar que a prática do professor depende da concepção que ele tem do próprio trabalho, da sua importância no desenvolvimento dos educandos e principalmente na construção do seu ser individual, social e profissional, na perspectiva de Freire.

Sendo assim, por meio de uma atitude reflexiva, o professor pode desenvolver uma prática que seja transformadora e significativa ao contexto social dos alunos contemplados, ou pode apropriar-se de uma prática mecânica, que tem como principal finalidade repassar conteúdos e realizar atividades meramente repetitivas.

Estamos convencidos de que é no “chão da escola”, no cotidiano escolar, que os educadores se deparam com as dificuldades enfrentadas em sala de aula e também com as possibilidades de melhoria da sua práxis, visando uma educação de qualidade. Desse modo, ressaltamos que a reflexão sobre a prática possibilita um novo olhar sobre a mesma e assim desperta novas perspectivas para as melhorias necessárias para seu trabalho como profissional da educação. De acordo com Schön:

[...] é possível através da observação e da reflexão sobre nossas ações, fazermos uma descrição do saber tácito que está implícito nelas. Nossas descrições serão de diferentes tipos, dependendo de nossos propósitos e das linguagens disponíveis para essas descrições. Podemos fazer referência, por exemplo, às sequências de operações e procedimentos que executamos; aos indícios que observamos e às regras que seguimos; ou os valores, às estratégias e aos pressupostos que formam nossas "teorias da ação" (2000, p. 31).

Neste sentido, entendemos que a reflexão enquanto objeto de estudo da prática docente possibilita ao professor fazer uma análise do conhecimento da sua própria prática, seus desafios, erros e acertos nas vivências cotidianas. Os profissionais que não refletem suas ações de forma sistemática podem continuar insistindo numa relação pedagógica mediada basicamente por atitudes repetitivas, procedimentos ultrapassados. Isto porque, a reflexão sobre a prática só é válida quando o professor é capaz de transformá-la em resultados positivos para seus alunos.

Sobre esse assunto, Veiga (2008, p. 17) esclarece que “[...] o lado objetivo da prática pedagógica é constituído pelo conjunto de meios, o modo pelo qual as teorias pedagógicas são colocadas em ação pelo professor”. Enfatiza ainda que:

“o que as distingue da teoria é o caráter real, objetivo, da matéria-prima sobre a qual ela atua, sua finalidade é a transformação real, objetiva de modo natural ou social, satisfazer determinada atividade humana” (VEIGA, 2008, p. 17).

Poderíamos apontar aqui diversos desafios que impedem o professor de exercer com excelência seu trabalho docente, como, por exemplo, as dificuldades de aprendizagem de algumas crianças por fatores variados, falta de interesse nas aulas, falta de apoio nas instituições. Nesse sentido, não há um “manual” disponível para ensinar como lecionar; ao contrário, é necessária uma constante reflexão sobre as práticas e condutas nas instituições escolares. Essa reflexão sobre a própria prática deve ser realizada durante toda a trajetória profissional do professor, como defende Mészáros (2008), ao lembrar que essa ideia de estudo para a vida toda é de Paracelso ainda no século XVI. Com efeito, a busca por conhecimentos e a

experiência na profissão é um dos fatores que contribuem para melhoria do trabalho pedagógico.

Considerações finais

A formação docente é a preparação para uma profissão complexa, cheia de desafios a serem superados. Nessa profissão, o principal objetivo é a aprendizagem dos alunos, que ocorre de formas e em tempos diferentes. A formação inicial do docente é só o primeiro passo em busca de qualificação profissional, pois este deve estar em constante busca por novos conhecimentos. Essa busca se dá a partir da formação continuada, na qual o professor pode ensinar e aprender por meio das trocas de experiências com os colegas e estar em constante reflexão sobre sua prática pedagógica, pois é na reflexão-ação-reflexão que os saberes e competências vão se construindo.

Por meio deste estudo, vimos que a construção dos saberes necessários a uma prática docente de qualidade se inicia quando ainda somos alunos e temos os primeiros contatos com a docência (por meio de nossos professores). Na formação inicial, que na maioria das vezes preza pela transmissão de conteúdo, o professor inicia seu estudo teórico e tem os primeiros contatos práticos nas aulas de estágio supervisionado, porém é no “chão da escola”, no cotidiano escolar que o professor vai construindo sua identidade profissional.

Neste estudo vimos também que o professor alfabetizador deve ter a consciência que nos tempos atuais, o “simples” ensinar a ler e escrever já não tem tanto sentido, pois é necessário a alfabetização na perspectiva do letramento, por meio da qual o uso da leitura e escrita nas práticas sociais é evidenciado. Para isso, o professor precisa desenvolver saberes e competências que possibilitem ir além dos ensinamentos dos conteúdos, pois precisamos formar cidadãos autônomos e críticos, conscientes do seu papel na sociedade.

Durante o caminho da docência, o professor encontra diversos desafios no processo de ensino e de aprendizagem. Esses devem ser motivadores para a constante busca de novos conhecimentos, pois eles serão norteadores para uma prática pedagógica de excelência. Cabe ao professor estar em constante reflexão sobre a sua própria prática pedagógica, pois é dessa prática que as transformações

ocorrem. O processo de alfabetização na perspectiva do letramento é complexo, porém não é impossível. O professor que tem uma boa formação inicial e está em constante aperfeiçoamento profissional, é capaz de fazer a interação entre a teoria e a prática e gerar condições efetivas para a alfabetização dos seus alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M. de; SOARES, K. C. D. **Pedagogo Escolar**: as funções supervisora e orientadora. Curitiba: IBPEX, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei n. 9.394/96**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 25/01/2020.

BRASIL (1998) **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC/SEF.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB Nº 04/99**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/RCNE_CEB04_99.pdf Acesso em: 20/01/2020.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, Formação de Professores e Globalização: questões para a educação hoje**. 1ªed. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. 12º edição. São Paulo: Cortez, 1988.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. 3º edição. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FROMM, Erich. **Ter ou Ser**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda (Org.). **Temas da Pedagogia**: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Em sobressaltos: formação de professora**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORIN, E. **Os Setes saberes necessários à Educação do futuro**. São Paulo: Cortez; 2011

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. Os professores e sua formação. 3ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Artmed, 2008.

Os professores como Planejadores. IN: SACRISTÁN, Gimeno; GÓMEZ, Pères A.I. **Compreender e transformar o ensino**. 4º ed. São Paulo: Artmed, 1998. p. 271-293. Texto adaptado

SARMENTO, M. **A Vez e a Voz dos Professores**. Porto: Porto Editora; 1994.

SAVIANI, Dermeval. **Sentido da pedagogia e o papel do pedagogo**. In: Revista ANDE, São Paulo, nº 9, p. 27-28, 1985.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 1992.

SHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Theodoro da (Org.). **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção Educação Contemporânea).

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 1988.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOARES, Magda Becker. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo: Autores Associados, v.25, 2004. p. 5-17

SOARES, Magda Becker. **A reinvenção da alfabetização**. Revista Presença Pedagógica, Julho/Agosto 2003. Disponível em: http://www.editoradimensao.com.br/revistas/revista52_trecho.htm Acesso em: 16/01/2020.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010. 103 p.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 11.ed.Campinas, SP: Papirus, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LURIA, A. R. et al. **Psicologia e pedagogia**: Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. v.1 2. ed. Lisboa: Estampa, 1991. p. 31-50.

www.dicio.com.br/formacao/ Acesso em: 20/01/2020